

A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A IDENTIDADE DOCENTE

Patrícia Daniela Maciel*
Maria Manuela Alves Garcia**

RESUMO

O objetivo do artigo é evidenciar a discussão da homossexualidade nos estudos sobre a identidade docente, na área da Educação. Para a análise foram utilizadas 04 teses de doutorado e 21 dissertações de mestrado, defendidas entre os anos de 1987 e 2010, disponibilizadas no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Como resultado observa-se a (quase) ausência das pesquisas sobre a sexualidade d(o)as professor(a)s com identidades não heteronormativas, o que permite assinalar a necessidade de aprofundamento teórico sobre a homossexualidade, principalmente feminina, nos estudos em educação e gênero.

Palavras-chave: educação; gênero; homossexualidade; identidade docente; campo científico.

ABSTRACT

THE ACADEMIC PRODUCTION OVER HOMOSEXUALITY AND TEACHER IDENTITY

This article aims to highlight how homosexuality has been discussed on studies about teacher identity in Education area. This analysis is based on the researches of 4 works of doctorship and 21 works of masters degree which were defended between 1987 and 2010. Those works are available in *Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*. It is possible to say from this data that there is a lack of researches about non normative sexuality and teacher identity, what points out the need of theoretical analysis about homosexuality, specially feminine, in

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do GEDEB: Grupo de Estudos sobre Docência e Educação Básica: Currículo, Políticas e Profissionalização Docente, na linha Processos Sociais, Culturais e Político-Pedagógicos no Trabalho e na Identidade dos Docente da Educação Básica.

** Professora do Departamento de Ensino na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Desenvolve estudos e pesquisas no campo do Currículo, do Trabalho Docente e da Formação de Professores. Organizadora e Pesquisadora do GEDEB: Grupo de Estudos sobre Docência e Educação Básica: Currículo, Políticas e Profissionalização Docente, UFPel.

studies that cross education and gender.

Key-words: education, gender, homosexuality, teacher identity, science field

1. O gênero na identidade docente e os estudos feministas na educação

Ao se dirigir ao problema da relação da educação com o gênero, algumas estudiosas feministas, como Fúlvia ROSEMBERG (2001), Marília CARVALHO (1996) e Márcia FERREIRA e Georgina NUNES (2010), têm afirmado que há uma lacuna nas abordagens sobre as questões relativas ao gênero no trabalho docente. Segundo estas autoras, isso aconteceu por duas razões: (1) porque as investigações do campo educacional, nas últimas quatro décadas, pouco evidenciaram em suas pesquisas acadêmicas os trabalhos que versam sobre a mulher, a condição feminina ou a identidade sexual do professorado; e (2) porque as pesquisas que problematizam o gênero, pouco privilegiaram as questões educacionais. O que ocasionou uma falta/vazio nas investigações que acenam para a multiplicidade de representações das mulheres no magistério.

Nos estudos de gênero, da década de 80 e 90, segundo Rosemberg (2001) o perfil da produção acadêmica¹, era caracterizado pela ausência de questões que compusessem a agenda educacional. E de acordo com Carvalho (1996), os estudos de gênero, desse mesmo período, tinham uma tendência em focalizar mais a condição feminina que o sistema educacional. No campo da educação, conforme a autora, os estudos ignoraram o fato de o magistério ter uma composição majoritariamente feminina, tornando-se “incapazes de revelar as possíveis consequências do fato de os trabalhadores em questão serem homens ou mulheres”. (CARVALHO, 1996, p.78).

Ao mesmo tempo, o magistério da educação básica era segundo o Estudo do Professor² um gueto feminino. Em 1990 elas

¹ Neste estudo a autora utilizou três bases de dados: a base de teses e dissertações de programas de Educação filiados à ANPED, no período de 1981-1998; o Diretório de Pesquisadores(as) *Quem Pesquisa o quê em Educação*, 1998; e seis coleções de revistas especializadas em Educação e Estudos Feministas.

² Fonte: Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep, 2009.

correspondiam a 97,2% das professoras de 1º a 4º série³. Em 2007, de acordo com Censo Escolar (INEP) – existiam quase 2 milhões de professores no Brasil, sendo 1,6 mil do sexo feminino. Nas creches, as mulheres ocupavam 97,9% das vagas de professor, no ensino fundamental dos anos iniciais, eram 91,2% e anos finais, 74.4%. Em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da Educação Profissional, elas eram e são a maioria dos profissionais que trabalham nas escolas de educação básica brasileiras.

O fato de ser mulher no magistério, nessa época, apesar das estatísticas, não interessava ou não suscitava questionamentos, conforme afirmaram as autoras citadas anteriormente, no campo científico. Não havia um desdobramento das investigações do campo educacional para os estudos que contemplassem a relação entre o gênero e o trabalho ou a profissão docente e também não havia uma ocupação à crítica, por parte dos estudos de gênero, para a construção da identidade da Mulher, como uma forma opressiva, como uma forma determinada de conduta, no campo da educação.

O feminismo e os estudos em Educação, portanto, passaram a se mobilizar para problematizar as concepções de Mulher no campo educativo, no Brasil, a partir do final da década de 1990 e início deste século, quando algumas autoras como Louro (1997a e 1997b) e Lopes (1991a e 1991b) começaram a questionar a inserção e as imagens das mulheres na profissão docente. Apesar dos investimentos dessas autoras na discussão das representações das professoras no campo educacional, no âmbito do trabalho docente, especificamente, segundo Carvalho (1996), essa discussão não teve êxito porque o debate nesse campo de pesquisa deu-se sobre a natureza do trabalho pedagógico, a partir de uma visão marxista de trabalho, na qual os debates conceituais gestados focaram-se nos processos de trabalho coletivo, produtivo ou improdutivo, ligados aos processos fabris. Interessados pelo processo de proletarianização do trabalho docente, nos quais as análises se propunham a definir a situação de classe do professorado, bem como o grau de controle e autonomia dos docentes sobre o trabalho que exerciam, essas pesquisas e discussões invisibilizaram as mulheres nos seus estudos, não percebendo, assim, os múltiplos efeitos ou possíveis consequências de os trabalhadores em questão serem homens ou mulheres, com comportamentos e relações sociais muitas vezes conflitantes.

De acordo com Márcia Ferreira e Georgina Nunes (2010), os

³ Fonte utilizada pela autora: DRHU/SSE-SP.

estudos que atentam para a situação das mulheres na profissão docente, que problematizam o conceito de mulher na esfera educacional, e que forcem a incorporação de suas demandas, ainda carecem de análises. Descritores como 'relações de gênero', 'gênero' e 'homem', na área da educação, segundo elas, precisam ser integrados aos modos de pensar a docência.

Nessa direção, penso que também precisam ser integrados à discussão de gênero na educação os estudos que contemplem as identidades LGBTQs. Embora as autoras não mencionem, acredito que essas identidades sexuais, pela expansão da sua luta política, merecem destaque no campo científico. Ainda não há um número significativo de pesquisas em educação e de pesquisas do gênero, sobre a profissão e a identidade docente, que contemplem o grupo das lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Nesse sentido, sem pretender desmerecer o pensamento e o trabalho de muito(a)s pesquisadore(a)s no campo da educação e da teoria feminista no Brasil, que fortaleceram os estudos sobre a história das mulheres no magistério; e que propiciaram a formação de um campo científico dos estudos sobre a profissão e o trabalho docente, bem como sobre a própria homossexualidade na contemporaneidade; entre outros, talvez este seja o momento de questionarmos o pensamento heterossexual na formação do(a)s professore(a)s, de dar maior visibilidade às formas pelas quais a categoria mulher – branca e heterossexual – tornou-se universal nos estudos de gênero na profissão docente.

Após os estudos que mostraram as diferentes histórias das mulheres como professoras e dos estudos de cunho mais sociológico, que analisaram as questões de classe e salariais das professoras, bem como o processo de proletarização docente – com clara preocupação com a profissionalização dos professores, considerados os principais atores para atingir a eficácia dos sistemas educacionais – tenho pensado que é hora de problematizarmos a naturalização do conceito de mulher na fabricação dos discursos sobre as professoras, de compreendermos como as docentes, através de suas singularidades na relação com os outros, produzem subjetividades contra hegemônicas, voltadas ao escape das estratégias heteronormativas e de controle biopolítico.

Seria interessante, neste sentido, repensar com que ideia de feminização estamos trabalhando quando nos referimos às professoras e ao processo de feminização do magistério. Afinal, quem são as mulheres que compõe o campo educacional? Que

outros tipos de feminilidade podem ser encontrados entre aquelas que se denominam professoras e qual a imagem que cada uma tem de si quando estas se referem ao impacto da sexualidade compulsória no campo profissional?

Embasada por algumas estudiosas feministas, como Judith BUTLER (2003), Teresa de LAURETIS (1994), Monique WITTIG (1992) e Guacira LOURO (2007), tenho pensado que há rupturas nos dispositivos de controle e adestramento das mulheres no campo educacional. Que pode estar havendo uma mudança nos modos desse grupo de mulheres se verem como professoras. A partir da definição de sexo, de Judith Butler, na qual – “o ‘sexo’ é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’ simplesmente se torna viável” (BUTLER, 2007, p. 154-155), tenho questionado se ainda é possível manter para todas as mulheres os mesmos referenciais fundantes do trabalho docente, como o cuidado, a maternagem ou o trabalho doméstico?

A tarefa, portanto, é mostrar como o significado moderno de sexo, entendido como um fato, um dado biológico e natural, atua através do mito ‘mulher’, na fabricação das professoras. As professoras e a profissão docente foram e têm marcadas pelos traços físicos ditos ‘femininos’. As educadoras são vistas como mulheres, por isso, considera-se que elas sabem cuidar e educar as novas gerações. Porém, a presença das mulheres lésbicas nas escolas, por exemplo, podem sugerir que há outros corpos e subjetividades que rompem com os padrões da mulher tida como ‘naturalmente feminina’. Que não há esse sujeito apto a ter paciência e afeto com as crianças e jovens. Mas que culturalmente há mulheres produzidas para assumir essa identidade. Que a sociedade, o poder econômico e político produziu uma Mulher para exercer essa ocupação.

Para pensar o que é feito e como são fabricadas as mulheres na e pela Educação, portanto, tenho buscado entender como se constroem os feminismos, principalmente no magistério. Para isso, então, me propus analisar alguns textos que abordam a questão do gênero na docência a partir dos estudos realizados nas pesquisas científicas, no Brasil. O próximo item, assim, permite visualizar o que vem sendo dito sobre as mulheres na docência, especificamente, as mulheres que compõem o quadro dos estudos ligados à homossexualidade articulados à Educação.

2. A homossexualidade como categoria de análise em estudos que investigam a identidade profissional dos Professores e/ou Docentes, produzidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação

Conforme citei no início deste artigo, este texto tem como uns dos objetivos analisar e compreender como os estudos acadêmicos vêm discutindo as identidades sexuais ou o gênero das professoras na constituição do eu-docente. Neste item que se segue, portanto, analiso um conjunto de 25 pesquisas, sendo 21 dissertações de mestrado e as 04 teses de doutorado defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, a partir dos descritores 'Homossexualidade e Professores' e 'Homossexualidade e Docência', no Banco de Teses da CAPES⁴, entre os anos de 1987 e 2010.

Cabe salientar que esse estudo iniciou-se a partir da palavra-chave e/ou descritor 'Sexualidade e Educação'. Ao fazer esta escolha encontrei um número expressivo de trabalhos e uma variedade de temas de pesquisa, com enfoque na orientação sexual, na juventude e sexualidade, na violência sexual, na educação sexual, no gênero, na corporalidade e na homossexualidade, que articulados aos estudantes, às famílias, à infância, às práticas docentes, etc., indicaram a existência de uma literatura vasta acerca desse tema, que não necessariamente diziam respeito aos aspectos concernentes ao gênero e à sexualidade na construção da identidade profissional das professoras. Diante dessa constatação, da diversidade de temas que compõe a discussão da sexualidade na Educação, para especificar o assunto que melhor se relacionasse com a questão das identidades sexuais não heteronormativas na docência, optei por catalogar os trabalhos que mencionassem o vocábulo homossexualidade articulado a três palavras: educação, professores e docência; que poderiam se encontrar nos títulos ou resumos dos textos produzidos na área da Educação.

Como minha proposta, neste texto, é apresentar a discussão sobre as mulheres e a homossexualidade, no campo da Educação, destaquei os trabalhos concernentes aos descritores, 'homossexualidade e professores' e 'homossexualidade e docência', nos quais o(a)s professore(a)s têm o foco das investigações.

⁴ <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

Quadro 1 – Levantamento das temáticas das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, com os descritores ‘Homossexualidade e Professores’ e ‘Homossexualidade e Docência’.

Quantidade de Dissertações e Teses	Temáticas das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Educação:
07 Dissertações 01 Tese	As práticas pedagógicas dos professores que trabalham com educação sexual e a homossexualidade;
04 Dissertações 02 Teses	As contribuições da formação em serviço para professores na temática da homossexualidade;
03 Dissertações	A contribuição das instituições formadoras/cursos de formação inicial para professores nas discussões da homossexualidade;
03 Dissertações	As histórias de vida dos professores ou estudantes homossexuais;
02 Dissertações 01 Tese	As representações dos professores e adolescentes sobre a homossexualidade;
02 Dissertações	Os PCNs na escola – a temática sexualidade;
Total: 21 Dissertações 04 Teses	Total: 06 Temáticas

Fonte: Quadro produzido e organizado com base nos textos publicados no Banco de Teses – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES – (1987-2010). Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

Considerando a quantidade de trabalhos no levantamento do quadro anterior, observa-se que, quando o assunto é a homossexualidade relacionada aos professores, há a supremacia de duas temáticas nessas investigações: as que analisam as práticas do(a)s professore(a)s, no que tange o seu trabalho com a sexualidade e o gênero, em sala de aula; e, as que buscam compreender quais as contribuições dos cursos de formação em serviço, quando esse discutem a homossexualidade. Sendo, portanto, de menor interesse os temas que analisam as discussões sobre a sexualidade nos cursos de formação inicial para professores, as histórias de vida dos professores ou estudantes homossexuais, as representações dos professores e adolescentes sobre a homossexualidade e o uso dos PCNs na escola – a temática sexualidade.

Entre os textos que investigam a prática dos professores estão aqueles que analisam: como se dá a exclusão de alunos rotulados como incapazes e diferentes – homossexuais – na sala de

aula;⁵ o que pensam os professores de Biologia sobre a diversidade e o desenvolvimento das orientações sexuais na sala de aula;⁶ o olhar dos professores sobre a educação sexual e gestos para esconder as diferenças homossexuais na escola;⁷ a forma como os professores encaram a homossexualidade na escola e sala de aula;⁸ as falas através das quais se constitui a produção discursiva dos professores acerca da homossexualidade;⁹ as atitudes discriminatórias dos professores diante da homossexualidade;¹⁰ as conversas no cotidiano escolar que abordam a homossexualidade;¹¹ os dispositivos de enunciação presentes nos saberes, práticas e discursos docentes sobre a sexualidade e o gênero na escola.¹²

O que esses estudos compartilham é o desejo de compreender como se desenvolve a prática pedagógica dos professores que trabalham com a educação sexual, como eles abordam esses temas nas suas disciplinas, se há um silenciamento, há exclusão, a diferenciação, falas, enunciados e atitudes discriminatórias ou comentários que problematizam a presença dos alunos homossexuais na sala de aula, e quais os sentidos que esses docentes atribuem à educação sexual e à (homo)sexualidade.

Como resultados essas pesquisas têm indicado que o homossexual é visto pela escola ainda sob uma visão dogmática, na qual ele é identificado como um desvio da natureza. Nas investigações encontradas, encontrei uma semelhança nas críticas dos pesquisadores no modo como o(a)s professore(a)s e a comunidade escolar tratam a presença dos homossexuais, pois, mesmo sabendo que judicialmente a escola não pode expulsar esses estudantes, culturalmente, ao direcionar os alunos a padrões de gênero pré-estabelecidos, ela produz um processo discriminatório.

De acordo com esse(a)s autore(a)s, o preconceito contra os homossexuais geralmente aparece quando a escola privilegia nas aulas de educação sexual, um conteúdo escolarizado sobre a sexualidade, baseado nos saberes científicos e religiosos, pelos quais são enfatizadas algumas visões machistas e heterossexistas, sob os quais legitima-se e materializa-se, através dos dispositivos

⁵ Maria BORNITO, 2002.

⁶ Valter COVA, 2004.

⁷ Marcio CAETANO, 2005.

⁸ Meire OLIVEIRA, 2006.

⁹ Carlos CALDAS, 2007.

¹⁰ Dennys MARSIGLIA, 2009.

¹¹ Eder PROENÇA, 2009.

¹² Raimundo TORRES, 2009.

pedagógicos de normatização e disciplinamento dos corpos, um padrão de gênero e sexualidade.

Com isso, ele(a)s têm enfatizado que a escola não tem conseguido trabalhar com a diversidade. Alguns chegam a afirmar que a escola presta um desserviço ao exercício das práticas e projetos educativos que tentam subverter os significados e sentidos negativos atribuídos aos homossexuais e suas variações, como gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros.

Nessa direção, os discursos proferidos na escola ou em outros espaços de formação, pouco têm contribuído para a problematização das identidades sexuais. Para esse(a)s pesquisadore(a)s não são incomuns nesses espaços reações reacionárias e conservadoras, nas quais muitas pessoas estranham, se dizem contrárias e são agressivas as outras formas de desejar.

Para minimizar esse tipo de atitude discriminatória nas escolas, outro grupo de pesquisadores tem buscado analisar quais são as contribuições dos cursos de formação em serviço para professores, no que tange a sexualidade. Entre aquele(a)s que pesquisam os cursos de formação em serviço estão: um que aborda a educação sexual no contexto escolar a partir de duas experiências de formação de professores das redes municipal e estadual¹³; o segundo, que analisa como os professores que fizeram uma formação junto ao movimento LGBT lidam com a homossexualidade no cotidiano escolar;¹⁴ o terceiro, que busca as representações dos professores de educação infantil e ensino fundamental acerca da homossexualidade, a partir de um processo de formação;¹⁵ que investiga como os professores de ciências que participaram do programa “Horas de Estudo” compreendem a homossexualidade;¹⁶ que analisa como a homossexualidade é compreendida em uma sala de aula singular;¹⁷ e que analise se os professores que se dispõem a participar de cursos de capacitação com enfoque na Diversidade Sexual na Escola tendem a ser menos excludentes em sua relação com alunos homossexuais.¹⁸

De acordo com uma das pesquisas¹⁹ há a aprovação, por parte dos professores, da educação sexual, a partir das primeiras

¹³ Eliane GONÇALVES, 1998.

¹⁴ Maria FREITAS, 2009.

¹⁵ Romulo ALEXANDRINO, 2009.

¹⁶ Mônica BARRETO, 2009.

¹⁷ Rosimeri SILVA, 2007.

¹⁸ José FREITAS, 2010.

¹⁹ GONÇALVES, 1998.

séries do ensino fundamental, porém os mesmos consideram que os professores, de um modo geral, não estão preparados para a função, admitem que as universidades e as secretarias da educação deveriam oferecer formação continuada em temas que consideram difíceis, como o abuso sexual, a homossexualidade e o aborto. O estudo permite considerar, também, que a educação sexual ainda é alvo de contradições e encontra-se em precárias condições de desenvolvimento no espaço escolar. Nas falas dos professores, aparecem como pontos precários: poucos profissionais capacitados, carência de recursos materiais e ausência de apoio institucional efetivo. Esses pontos são, para eles, os que figuram entre os obstáculos para a inclusão da educação sexual no cotidiano escolar.

Diferentemente, Maria Freitas²⁰ aponta para os cursos de formação para professores em serviço como espaços para a construção de diálogo, em que o compromisso com o processo de libertação da pessoa está sendo realizado no coletivo. Para a autora, esses cursos vêm fortalecendo e ampliando as discussões teóricas sobre a presença das identidades LGBT no currículo escolar. Nessa mesma linha, um autor²¹ defende que, os cursos, palestras, conferências e workshops, são os veículos utilizados pelos professores, como suporte para obter maior informação sobre o tema da sexualidade. Sem esses mecanismos, segundo seus entrevistados, eles teriam dificuldade em abordar o tema em sala de aula. De acordo com o grupo investigado na pesquisa desse pesquisador, os cursos permitem uma ampliação da discussão da sexualidade, o que contribui para produção de uma linguagem e uma visão positiva da homossexualidade. Além disso, todos concordaram que a forma como o aluno é tratado pelos professores pode influenciar na permanência do estudante na escola. Quanto ao agir em sala de aula, afirmam que atuam de forma a coibir agressões contra alunos que são tachados de homossexuais.

Embora, para alguns autores,²² ainda existam professore(a)s que, por ignorância e/ou preconceito, se recusam a notar o(a)s aluno(a)s que fogem à regra heterossexual, invisibilizando-os e estigmatizando-os, há por outro lado, docentes que oferecem outras oportunidades para que o(a)s estudantes assumam seus desejos sem culpas. Na visão desses autores, portanto, os cursos de formação em serviço para professores com foco nas discussões

²⁰ FREITAS, 2009.

²¹ BARRETO, 2009.

²² FREITAS, 2009, BARRETO, 2009 e FREITAS 2010.

sobre a sexualidade, podem contribuir como uma referência no reconhecimento da cultura homossexual e da educação sexual no ambiente escolar.

Com base nessa mesma afirmação, de que o(a)s professore(a)s precisam de uma formação específica, que se expresse contra o consentimento à homofobia, encontrei 03 dissertações, que analisam como os cursos de formação inicial abordam a homossexualidade, entre as quais encontram-se: um estudo que analisa como as temáticas da homossexualidade e da família homoparental são abordadas no cotidiano da ação pedagógica pelos(as) alunos(as)-professores(as) do Curso de Magistério com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental;²³ outro que analisa as falas de futuro(a)s professore(a)s, no Curso de Educação Física, sobre a diversidade sexual;²⁴ e, por último, um estudo que analisa os sentidos e significados sobre a homossexualidade por docentes e discentes da universidade.²⁵

Embasados em pesquisas etnográficas esses trabalhos enfatizam que há por parte dos professores em formação uma necessidade de discussões que visam problematizar a exclusão das crianças pertencentes às famílias homoparentais nos processos de ensino. De acordo com um deles²⁶, além de vislumbrar essas questões da sexualidade no cotidiano escolar, cabe aos cursos de formação inicial, refletir sobre sua função de assumir uma projeção de sociedade e de sexualidade, portanto os cursos devem perceber e analisar de que forma, ao trabalharem com determinadas áreas do conhecimento, vem interferindo nas construções das subjetividades de gênero dos seus alunos e alunas no espaço de formação. Com base nessas reflexões, esses estudiosos chamam a atenção para a emergência, nos cursos de formação inicial de professores, de discussões acerca da sexualidade e do combate ao preconceito como forma de instrumentalizar os professores para esse debate na escola.

Até aqui se pode observar, que há um grande esforço por parte do(a)s investigadore(a)s, em desenvolver uma crítica ao modo como a escola e o(a)s professores(a)s lidam com as identidades sexuais. Não estou com isso argumentando, obviamente, que não

²³ Ramirez ESPINDOLA, 2005.

²⁴ Francis LIMA, 2006.

²⁵ Angelo ESPERANÇA, 2009.

²⁶ LIMA, 2006.

há ações por parte das instituições escolares para uma educação sexual que questione as opressões sexuais e as assimetrias entre os gêneros, mas não há como negar, que há muito a ser feito pela escola, no sentido de construir uma compreensão mais alargada sobre a sexualidade.

Um caminho para esse trabalho, parece estar surgindo na atenção que o(a)s pesquisadore(a)s em educação vêm dando as pesquisas que analisam a subjetividade dos homossexuais, a partir das histórias de suas vida, entre elas a escolar, nas quais buscam examinar como a construção dessas identidades atuam na construção dos gêneros. Preocupados em compreender como os homossexuais sentem e significam as experiências com sua sexualidade na escola, alguns pesquisadores vêm analisando, a partir das biografias e autobiografias dos homossexuais, como eles reagem aos discursos utilizados para marcar as diferenças sexuais na escola e como eles convivem com os discursos que tentam legitimar e fixar simbolicamente a identidade sexual heteronormativa.

É importante dizer que a metodologia de dar voz e visibilidade aos homossexuais e aos seus modos de vida, para esses investigadores, não está sendo explorada sob uma ótica da representação, visando captar a imagem do outro, geralmente o exótico. Mas, ao contrário, as vozes, os clamores, as opiniões, as queixas e as inspirações desses sujeitos estão sendo usadas como um instrumento para analisar e discutir como as subjetividades dos sujeitos estão sendo produzidas diante das complexas relações entre as sexualidades na escola contemporânea. Mesmo sendo pouco exploradas nos estudos sobre gênero e sexualidade, pode-se afirmar que elas podem ser consideradas um importante instrumento de problematização e desconstrução dos padrões heteronormativos nos discursos em Educação.

Como descrevi anteriormente, encontrei 03 trabalhos que se interessam pelas histórias de vida dos homossexuais, entre eles estão: O que tenta compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero.²⁷ Um que procura entender quais são os sentidos atribuídos por sujeitos homossexuais às relações sociais vividas na escola.²⁸ E um que investiga as dinâmicas que orientam as interações entre homossexuais e bissexuais femininas no ambiente escolar, analisando no âmbito da

²⁷ Neil FRANCO, 2009.

²⁸ Patrícia GRANÚZZIO, 2007.

escola aspectos de vulnerabilidade e de potencialidades das ações educativas relacionadas à homossexualidade humana, em especial, a lesbianidade.²⁹

É, pois, acerca das implicações da homofobia nos processos educacionais e de escolarização e seus efeitos na vida de estudantes e professores homossexuais e na produção de identidades sexuais e de gênero que esses estudos tratam. Fundamentalmente, eles reafirmam o que os estudos, descritos anteriormente, dizem: que há um processo de exclusão contra os homossexuais na escola.

De acordo com Lisis³⁰ Oliveira há uma grande resistência por parte de educadores e pais em discutir as questões da sexualidade com seus alunos e filhos. Entre as jovens que pesquisou, houve relatos frequentes de experiências de discriminação pelo fato de serem homoafetivas. O que denota, segundo ela, o preconceito e o machismo existentes nas sociedades heteronormativas. Mas, a questão que me instiga é: o que acontece se mudarmos o foco dos alunos e colocarmos nos professores homossexuais? Segundo um dos pesquisadores³¹, para os professores que participaram da sua pesquisa, o fato de ser homossexual não constitui um obstáculo na carreira profissional docente, pois segundo eles, quem determina a aceitação ou a rejeição de um professor é sua capacidade profissional. Dos cinco entrevistados todos concorreram e participaram das direções e coordenações de escolas. Para eles, a flexibilidade ou inflexibilidade em relação à presença dos homossexuais nas escolas depende da comunidade escolar e do seu contexto. O que determina essa variabilidade é como cada um percebe, concebe e convive com essas diferenças.

Quando acontecem algumas práticas homofóbicas isso se dá, segundo eles, com alguns familiares dos estudantes ou em casos em que geralmente o professor gay atua em turmas de adolescentes. Para eles, nesta fase, o gay causa mais estranhamento, isso porque estão tentando se afirmar como homens, então eles se sentem mais agredidos quando percebem que o professor é um homossexual.

O que não acontece com as mulheres, pois, segundo ele³², entre seus entrevistados – quatro professores gays e uma

²⁹ Lisis OLIVEIRA, 2010.

³⁰ OLIVEIRA, 2010.

³¹ FRANCO, 2009.

³² FRANCO, 2009.

professora lésbica – para a maioria deles as mulheres não precisam de uma autoafirmação da feminilidade. Como elas são invisíveis, não passam por conflitos. Apenas um dos entrevistados diverge dessa afirmação, dizendo que as professoras lésbicas são as mais discriminadas, exatamente por não terem visibilidade, elas não ganham espaço na escola, sua sexualidade não é considerada uma prática humana.

Em linhas gerais, todos comentaram que mantêm uma relação tranquila com seus alunos, contudo os professores entrevistados que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero tendem a concordar com a afirmação do grupo de professores heterossexuais, que não devem falar sobre sua sexualidade com seus alunos. Para eles a sexualidade é um assunto privado.

Ao analisar essa postura a respeito da forma como o(a)s professore(a)s pensam a sexualidade na escola, o autor acaba exprimindo uma espécie de indignação quanto ao impacto da presença de professores homossexuais nas escolas, isso porque ao não assumirem sua sexualidade na escola eles conseqüentemente não garantem uma atitude contra hegemônica. Para ele, se esses sujeitos não se assumem, sentem-se receosos ao orientar alunos gays, por exemplo, eles pouco contribuem para as atuações pedagógicas que colaborem para o enfrentamento com as difíceis escolhas dos alunos sobre suas próprias identidades sexuais e de gênero.

Entretanto, por mais que as histórias desse(a)s professore(a)s homossexuais possam gerar descontentamentos e causar perplexidade para determinados grupos que defendem o movimento e a causa LGBTTs, elas indicam, para aqueles e aquelas que defendem uma educação sem preconceitos e sem homofobia, outras necessidades de discussão, por exemplo, de entendermos o que leva os professores heterossexuais e homossexuais pesquisados a considerarem a sexualidade um assunto privado.

Mesmo não sendo esse o objetivo do seu estudo³³ – analisar como o gênero atravessa o modo de ser docente – pois, sua intenção foi discutir como vivem os professores que transitam pelas fronteiras do gênero na escola, as narrativas desses sujeitos me levaram a pensar como muitos professores são levados a acreditar que renunciar a sua sexualidade, conhecer a si mesmos e a seus corpos e ser capaz de mantê-los sob certas proteções, são técnicas

³³ Idem, 2009.

da produção de um modo de ser professor.

É através da autorrenúncia, na tentativa de superar o corpo e o prazer, que os sujeitos se afirmam como mestres. Para existir e se reconhecer como professor(a), portanto, os sujeitos precisam ter como um dos seus alvos o controle do seu corpo e do seu comportamento. Para agir sobre o(a) outro(a), ele(a)s precisam renunciar a sua sexualidade, regular seus próprios gestos, modo de falar, andar e vestir. Ele(a)s necessitam se assujeitar aos princípios moralistas, cumprir e reconhecer como verdadeiros as regras impostas, exercitando-as nas suas ações. É pela renúncia à sexualidade que o(a)s professore(a)s conhecem a si e se reconhecem como profissionais, o que significa que o gênero é um dos elementos ou esquemas indutores de ação na constituição do(a)s docentes, pelos quais o(a)s professor(a)s exercitam sua reflexibilidade ou ascese moral, ao ponto de tornar esse exercício um ato de se autoconstituir.

Desse modo, percebe-se que a intimidade, o eu e as características que fazem do(a) sujeito um ser único como professor(a) não faz parte da linguagem escolar. O(a) professor(a) fala de um lugar institucional, sobre o que deve ser dito ou não sobre a sexualidade nos espaços escolares. A sexualidade na escola não se faz pelas escolhas individuais, mas pela citação das normas.

Um exemplo disso encontra-se nas aulas de educação sexual nas escolas. Segundo os estudos, que tratam das representações dos adolescentes sobre a sexualidade, a partir das aulas de educação sexual na escola;³⁴ das representações de sexualidade dos adolescentes;³⁵ e das representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade³⁶, os professores não têm conseguido sair de um discurso normatizante sobre a sexualidade. Nessas aulas, portanto, os homossexuais vivem momentos angustiantes nos quais se sentem intimidados, incitados e mencionados, pela força dos conteúdos e discussões inapropriadas para os seus interesses e modos de vida.

De acordo com os pesquisadores,³⁷ que estudam o impacto dos PCNs nas escolas, os alunos não se interessam pela cultura da sexualidade ligada aos aspectos biológicos e humanos. Analisando

³⁴ Angela FOSSA, 2003.

³⁵ Rita OLIVEIRA, 2004.

³⁶ Jonas JUNIOR, 2010.

³⁷ Virginia MAISTRO, 2006 e Maria GARCIA 2005.

a inserção dos PCNs – dos temas transversais, a sexualidade no currículo escolar³⁸ e as possibilidades pedagógicas do PCNs nos projetos da Sexualidade na Escola³⁹, as autoras reiteram: do modo como o trabalho sobre a sexualidade vem sendo realizado não há como motivar os alunos, de forma consistente.

Isso não quer dizer, evidentemente, que todas as aulas sobre educação sexual são de alguma forma, a mesma coisa, mas que a escola deve se aproximar mais de uma compreensão dos processos históricos e culturais amplos que envolvem as discussões da sexualidade.

3. Considerações finais

Após realizar a análise da produção acadêmica do tema da homossexualidade na educação, com enfoque para os professores e a docência, cabe salientar como considerações finais que:

- a) a temática da homossexualidade na Educação, no decorrer dos últimos 10 anos, vem se estabelecendo com um tópico relevante, a partir do aumento no número de pesquisas acadêmicas que visam discutir o enfrentamento à violência e à marginalização dos homossexuais no campo educacional. De forma crescente, a atenção das pesquisas tem-se voltado para a prática dos docentes como um dos aspectos que influenciam na permanência ou não dos estudantes homossexuais nas escolas.
- b) há uma mobilização por parte do(a)s pesquisadore(a)s em compreender como a escola tem recebido os homossexuais. Com essas análises o(a)s investigadores(a)s vêm denunciando que há por parte das instituições educativas uma visão dogmática sobre os homossexuais, no qual ele é identificado como um desvio da natureza. A partir dessa visão o(a)s professore(a)s os tratam com atitudes discriminatórias, nas quais rotulam e excluem esse grupo. De acordo com ele(a)s isso ocorre porque há falta de formação e preparo dos professores para a subversão do preconceito e da homofobia nas instituições escolares e porque ainda há uma supremacia nas aulas de educação sexual, dos conteúdos que naturalizam o sexo. O que mostra que a escola tem

³⁸ GARCIA, 2005.

³⁹ MAISTRO, 2006.

prestado um desserviço ao combate à homofobia.

- c) o grupo gay se sobrepõe nos estudos que se referem à homossexualidade. As lésbicas aparecem apenas em três estudos, de GRANÚZZIO, 2007, FRANCO, 2009 e OLIVEIRA, 2010. A vida sexual das mulheres homossexuais, portanto, é pouco considerada nas classificações que descrevem a homossexualidade.

Para finalizar, é preciso ressaltar que há pouca discussão a respeito das categorias homossexualidade e gênero dos professores como um elemento constitutivo do eu-docente. Não houve o interesse dos pesquisadores na potencialidade do gênero como um *ethos* constituidor da subjetividade e do modo de ser do(a)s professore(a)s. Desse modo, essa revisão permitiu identificar que faltam análises mais aprofundadas que articulam o gênero e a sexualidade das professoras na construção da identidade docente. Com essa observação é possível destacar que em se tratando do gênero continuamos percebendo as mulheres no magistério de forma homogênea, sem questionar como foi produzida uma representação universal de feminilidade para a docência.

4. Referências Bibliográficas:

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar, 3 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva - 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.151-172.

Censo Escolar da Educação Básica 2007 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: Inep, 2009. Disponível: http://download.inep.gov.br/download/censo/2009/Estudo_Professor_1.pdf
Acesso: 06 de maio/2012.

CARVALHO, Marília Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero: Algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**. n. 2. P. 77-84, Mai/Jun/Jul/Ago, 1996.

FERREIRA, Marcia. Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentadas nas reuniões da ANPEd (2000-2006). In: 33ª Reunião Anual da ANPEd, 2010, Caxambu. 33ª Reunião Anual da ANPEd. Rio de Janeiro: ANPEd, 2010. v. 1.

<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf> Acesso: 20 de set. de 2011.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de **Tendências e Impasses: o feminino como crítica da cultura**. Trad. Suzana Funck. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994, p.206-242.

LOPES, Eliane Marta Teixeira . De Helenas e de professoras. **Teoria & Educação**. Dossiê: Interpretando o Trabalho Docente. Porto Alegre: Pannonica Editora. n.4, p. 172-175, 1991a.

LOPES, Eliane Marta Teixeira . A educação da mulher: a feminização do magistério. **Teoria & Educação**. Dossiê: Interpretando o Trabalho Docente. Porto Alegre: Pannonica Editora. n.4, p. 22-40, 1991b.

LOURO, Guacira L. O corpo educado. **Pedagogias da Sexualidade** (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira L. *Mulheres na Sala de Aula*. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). São Paulo: Contexto, p.443-481, 1997a.

LOURO, Guacira L. Gênero e Magistério: Identidade, História, Representação. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. (Orgs.) Denice Bárbara Catani. São Paulo: Escrituras Editora, 1997b.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo. **Revista Estudos Feministas**, v.9, p. 515-540, 2001.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. Trad. Javier Sáez y Paco Vidarta. Editorial Egales, Madrid, 1992.

Lista de Dissertações de Mestrado em Educação Revisadas:

ALEXANDRINO, Romulo. A suposta homossexualidade. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

BARRETO, Mônica Ismerim. “Como vêem, o que pensam, como agem os professores e professoras de Ciências do município de Aracaju frente à homossexualidade”. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe.

BORNIOTO, Maria Luisa da Silva. A Aparência Física e estética dos alunos como determinante para a exclusão: um novo olhar preconceituoso do professor no meio escolar? 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. Gestos do Silêncio: para esconder a diferença. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense.

CALDAS, Carlos Alberto Amorim. A Escola Faz diferença? Um estudo da produção discursiva das homossexualidades por professores de ensino médio. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará.

COVA, Valter Forastieri. Concepções de professores de Biologia do Ensino Médio público Estadual de Salvador sobre a variedade de orientações sexuais. 2004. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

ESPERANÇA, Angelo Cabral. Homossexualidade: Os Significados e Sentidos para Docentes e Discentes de Cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Amazonas. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas.

ESPINDOLA, Ramirez. Famílias Homoparentais: (pré)conceitos dos(as) alunos(as)-professores(as) de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí.

FOSSA, Angela Marcia. Educação sexual na escola: um estudo junto a adolescentes. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba.

FRANCO, Neil. A diversidade entra na Escola: Histórias de Professores e Professoras que Transitam pelas Fronteiras das Sexualidades e do Gênero. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

FREITAS, Maria Alcina Ramos de. Purpurina. Na terra do cangaço: refletindo a homossexualidade na escola. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Alagoas.

GARCIA, Maria de Fatima Lopes Garcia. As Atividades sobre Sexualidade Aplicadas Transversalmente nas Aulas de Ciências: Limites e Possibilidades. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina.

GONÇALVES, Eliane. Educação Sexual em Goiânia: da formação de profesoress a sala de aula. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás. Goiás.

GRANÚZZIO, Patrícia Magri. Entre Visibilidades e Invisibilidades: sentidos produzido sobre as relações vividas na escola por homossexuais. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo.

LIMA, Francis Madlener. O discurso da homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. Projetos de Orientação Sexual na Escola: seus limites e suas possibilidades. 2006. Dissertação (Mestrado no

Ensino de Ciências e educação matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

MARSIGLIA, Dennys Munhoz. Silêncio e Invisibilidade: A Atitude Discriminatória de Professores Diante da Homossexualidade na Escola. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho.

OLIVEIRA, Lisis Fernandes B. de. A mulher e o poder da heteronormatividade: uma discussão no contexto escolar. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos. Educação e sexualidade: vivências sócio-educacionais de jovens homossexuais (Cuiabá-MT). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso.

OLIVEIRA, Rita Aparecida Pereira de. Sexualidade e Adolescentes: um estudo de representações sociais. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso.

PROENÇA, Eder Rodrigues. Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de Sorocaba.

Lista de Teses de Doutorado em Educação Revisadas:

FREITAS, José Guilherme de Oliveira. No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade. Nas carteiras escolares: os professores. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JUNIOR, Jonas Alves da Silva. Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Rosimeri Aquino da. Identidades heterogêneas na contemporaneidade violenta: um estudo a partir de uma sala de aula singular. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TORRES, Raimundo Augusto Martins. Sexualidade e Relações de Gênero na escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.